

## EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: UMA ATITUDE DE MÁ-FÉ

DANELON, Márcio – UNIMEP/UNICLAR

GT: Filosofia da Educação /n.17

Agência Financiadora: FAP/UNIMEP

Nossa proposta neste texto é realizar uma leitura da educação como pressuposto teórico em que um dos objetivos possíveis é a fundamentação de uma identidade ou de uma subjetividade na realidade humana e colocar este objetivo sob análise do conceito sartreano de má-fé. Se a educação tem este objetivo, e na consciência, segundo Sartre, é impossível instituir uma identidade, pois é marcada pelo nada de ser, então, a educação age de má-fé pois tenta instituir um ser no não-ser. Para tentarmos dar conta desta proposta, desenvolveremos este texto realizando, primeiramente, um resgate do processo de nadificação da consciência presente na filosofia sartreana, e colocaremos, num segundo momento, a educação sob análise deste esquema teórico. Este processo nos permitirá observar que a educação é um processo de instituição da má-fé na realidade humana que, por fim, traz em seu bojo a possibilidade concreta da queda na náusea.

Para Sartre, o estudo da consciência do homem surge como pólo condensador da realidade humana, como um ponto nevrálgico de seu ser. Se, porém, a totalidade humana não se reduz à sua consciência, esta aparece como o núcleo do ser do ser humano: “À luz dessas observações, podemos abordar agora o estudo ontológico da consciência, na medida em que não é a totalidade do ser humano, mas o núcleo instantâneo deste ser”.<sup>1</sup>

Sartre, para ser fiel ao princípio da fenomenologia husserliana de que toda consciência é consciência de alguma coisa, que toda consciência é posicional, é intencional, é *consciência de*; deduz que essas premissas implicam na conclusão de que toda consciência é vazia de si mesma, é destituída de conteúdos, a consciência é o próprio nada. Nesse sentido, lemos em *O Ser e o Nada*:

Com efeito, a característica da ipseidade é que o homem se acha sempre separado do que é por toda espessura do ser que ele não é. O homem se anuncia a si do outro lado do mundo, e volta a se interiorizar a partir do horizonte: o homem é um ‘ser das lonjuras’.<sup>2</sup>

Já na *A Transcendência do Ego*, a idéia de uma consciência sem conteúdo aparece na medida em que a consciência é abertura para o mundo e esta abertura implica na fuga de si mesma, fuga de qualquer conteúdo interno: “Pela intencionalidade, ela transcende-se a si mesma, ela unifica-se escapando-se”.<sup>3</sup>

Na perspectiva sartreana, a origem da consciência ou, em sua terminologia, *Para-si*, dá-se na plenitude do ser. Ou seja, a consciência, como nada de ser, não pode ter sua

---

<sup>1</sup> SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 118.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>3</sup> IDEM, *A Transcendência do Ego*, p. 47.

origem em si própria, pois do nada não pode advir. Nesse sentido, a consciência só pode ter sua origem na plenitude do ser, isto é, na terminologia sartreana, no Em-si.

Observemos que o processo de descompressão do ser-Em-si ao Para-si é demarcado pela presença do Em-si frente a si próprio. Falando em termos antropológicos, é o ato da consciência colocar-se frente a si própria, num ato interrogativo de seu ser, que institui o nada nesta consciência. Como o ato interrogativo constitui-se numa atividade puramente humana, é pela interrogação<sup>4</sup> sobre seu próprio fundamento que o homem se nadifica:

A negação propriamente dita é atribuível a mim: só apareceria ao nível de um ato judicativo pelo qual estabeleço comparação entre o resultado esperado e o resultado obtido.<sup>5</sup>

Para Sartre, no bojo de todo processo interrogativo acha-se presente a possibilidade de uma assertiva negativa. A possibilidade de uma resposta negativa é o fato instaurador da nadificação:

Vimos que toda interrogação coloca por essência a possibilidade de resposta negativa. Na pergunta interrogamos um ser sobre seu ser ou maneira de ser. E este modo de ser ou esse ser está velado: fica sempre em aberto a possibilidade de que se revele como Nada.<sup>6</sup>

Frente a este nada de sua interioridade que o homem tem que se haver em sua vida cotidiana. Ou seja, o nada da consciência é parte integrante do ser do ser humano, devendo o homem, portanto, fazer suas escolhas perante este nada. Isto significa que as escolhas que o homem fizer e os projetos que desejar não têm nenhum postulado intrínseco à realidade humana que sirva de guia, valor ou referência nestas escolhas e projetos:

Se o homem *não é* mais do que *se faz* e se fazendo ele assume a responsabilidade da espécie inteira, e se não há moral que seja dado *a priori*, mas sim, a cada caso, nós devemos decidir sozinhos, sem ponto de apoio, sem guias e, entretanto, por todos ...<sup>7</sup>

Ora, é em virtude desta ausência de motivos ou justificativas com as quais o homem pode fundar suas ações, é que a angústia frente a este nada de premissas se instaura na realidade humana. Em outras palavras, é pelo nada da consciência que a liberdade<sup>8</sup> invade o ser do ser humano instaurando a angústia frente a esta vertigem da liberdade de escolha.

---

<sup>4</sup> Conforme POULETTE, **Sartre ou les aventures du sujet. Essai sur les paradoxes de l'identité dans l'œuvre philosophique du premier Sartre**, p. 181. ROUGER, **Le monde e le moi: ontologie et système chez le premier Sartre**, p. 84. JEANSON, **Le problème moral et la pensée de Sartre**, p. 161).

<sup>5</sup> SARTRE, **O Ser e o Nada**, p. 46.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>7</sup> IDEM, *A propos de l'existentialisme: Mise au point*. In: CONTAT, Michel & RYBALKKA, Michel, **Les écrits de Sartre**, p. 656.

<sup>8</sup> Conforme WETZEL, **La mauvaise foi et analyse**, pp, 71/72.

É dentro do cenário da nadificação da consciência humana que a perspectiva da liberdade e da angústia ganham contornos na antropologia sartreana:

Convém sublinhar aqui que a liberdade manifestada pela angústia se caracteriza por uma obrigação perpetuamente renovada de refazer o *Eu* que designa o ser livre. [...] Esse eu, com conteúdo *a priori* e histórico, é a essência do homem. E a angústia, como manifestação da liberdade frente a si, significa que o homem acha-se sempre separado de sua essência por um nada.<sup>9</sup>

Nesse sentido, é do nada que a liberdade pode fazer-se liberdade; é do nada desta consciência que a liberdade pode projetar-se como liberdade de escolha.

Vou emergindo sozinho, e, na angústia frente ao projeto único e inicial que constitui meu ser, todas as barreiras, todos os parapeitos desabam, nadificados pela consciência de minha liberdade [...] Separado do mundo e de minha essência por esse nada que *sou*, tenho de realizar o sentido do mundo e de minha essência: eu decido, sozinho, injustificável e sem desculpas.<sup>10</sup>

Se a liberdade pode ser entendida como o ser dessa consciência nadificada, esta liberdade aparece ao sujeito sob a forma de angústia:

... é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma como questão.<sup>11</sup>

Nesse sentido, a liberdade traz em seu bojo a angústia diante do nada de uma consciência que é livre, porém, que não pode colocar elementos norteadores para as escolhas.

Perante o nada da consciência, a liberdade de escolhas e a ausência de fundamentos que justifiquem nossos projetos, o homem toma atitudes que objetivam amenizar o drama da nadificação da consciência. Em outras palavras, uma atitude natural do homem frente ao desconforto do nada é o de mascarar esta situação, na tentativa de enganar-se a si próprio para fugir desta facticidade. Nas palavras de Sartre:

Mas a fuga da angústia não é apenas empenho de alheamento ante o devir: tenta, além disso, desarmar a ameaça do passado. Neste caso, tento escapar de minha própria transcendência, na medida em que sustenta e ultrapassa minha essência. Afirmando que sou minha essência à maneira de ser do Em-si. [...] Ficção eminentemente tranquilizadora, pois a liberdade estaria enterrada no seio de um ser opaco ...<sup>12</sup>

Esta atitude constitui-se em negar o nada da consciência, e instituir uma essência na existência, de tal forma que a essência preceda a existência. Isso significa que as escolhas que o homem faz, o sentido da existência e do mundo, as justificativas dos projetos se encontram, *a priori*, na essência, de forma dela emanam as luzes que guiam o sujeito em sua existência. Esta atitude é sedutora, pois tira do próprio

---

<sup>9</sup> SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 79.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 87.

sujeito as responsabilidades de suas escolhas, dando-lhe a possibilidade de desculpas pelos infortúnios da existência:

Eis, portanto, o conjunto de processos pelos quais tentamos mascarar a angústia: captamos nosso possível evitando considerar os outros possíveis, que convertemos em possíveis de um outro indiferenciado [...] Queremos conservar da intuição primeira aquilo que ela nos entrega como nossa independência e responsabilidade, mas procurando deixar à sombra tudo que há nela da nadificação original: sempre prontos, ademais, para nos refugiar-nos na crença do determinismo, caso tal liberdade nos pese ou necessitemos de uma desculpa.<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, para Sartre, o fato do ser humano ser sua própria angústia sem dela poder fugir, remete o homem ao mascaramento dessa angústia e a supressão de sua liberdade. Essa angústia só pode se constituir numa atitude de mentira, de engano, que Sartre irá chamar de atitude de má-fé, pois é pela má-fé que o homem pode acreditar na possibilidade da fuga da angústia e da responsabilidade pela sua existência. A despeito disto, o ser humano deve se haver com seu cotidiano, ou seja, indiferente aos acontecimentos do mundo, o homem deve fazer seus projetos rumo ao ser, deve se haver com seu cotidiano, com sua existência, enfim<sup>14</sup>:

Fugir da angústia e ser angústia, todavia, não podem ser exatamente a mesma coisa: se sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de me desconcentrar com relação ao que sou, posso ser angústia sob a forma de ‘não sê-la’, posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. Esse poder nadifica a angústia enquanto dela fujo e nadifica a si enquanto *sou angústia para dela fugir*. É o que se chama de *má-fé*.<sup>15</sup>

É uma atitude de má-fé o homem inventar desculpas para justificar suas escolhas, livrando-se da responsabilidade pela sua existência, conforme lemos:

Tendo definido a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem auxílio, consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé. [...] <sup>16</sup>

Logo no início do capítulo da Má-fé em *O Ser e o Nada*, Sartre dá-nos uma definição de má-fé:

Costuma-se iguala-la à mentira. Diz-se indiferentemente que uma pessoa dá provas de má-fé ou mente a si mesma. Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo...<sup>17</sup>

Ora, a verdade que a atitude de má-fé objetiva esconder de si mesma é, precisamente, o nada da consciência: “O ato primeiro da má-fé é para fugir do que não se pode fugir, fugir do que se é”.<sup>18</sup> Nesse sentido, a má-fé é uma atitude de negatividade de si para si mesmo: “Nota-se, de fato, o uso que a má-fé pode fazer desses juízos tendentes a estabelecer que eu não sou o que sou”.<sup>19</sup> Ou seja, a atitude de má-fé aparece sob o fundo do drama do nada da consciência, uma vez que, o homem deve se constituir enquanto ser, porém, ao modo do não-ser.

<sup>13</sup> Ibid., p. 88.

<sup>14</sup> Conforme WORMSER, Sartre, p. 43.

<sup>15</sup> SARTRE, *O Ser e o Nada*, p. 89.

<sup>16</sup> IDEM, *O Existencialismo é um Humanismo*, p. 19.

<sup>17</sup> IDEM, *O Ser e o Nada*, p. 93.

<sup>18</sup> Ibid., p. 118.

A atitude de má-fé aparece sob o fundamento de aniquilação da liberdade, pois rouba a possibilidade de ser sua escolha. Sobre isto, *n'O Existencialismo é um Humanismo*, declara Sartre: "...se eu nasço covarde, posso viver em perfeita paz, nada posso fazer, serei covarde a vida inteira, o que quer que eu faça; se eu nasço herói, também viverei inteiramente tranqüilo, serei herói durante a vida toda, beberei como um herói, comerei como um herói".<sup>20</sup> Dessa forma, o ser herói ou covarde gruda no ser nadificado, corrompendo com esta nadificação e impossibilitando o homem de ser qualquer coisa a não ser herói ou covarde.

Por outro lado, a má-fé aniquila, igualmente a angústia enquanto um habitante da consciência, pois, como o homem, na má-fé, institui um ser em seu ser nadificado, este ser preenche o nada da consciência e passa a ser um guia nas escolhas, de tal forma que, este ser, dotado de sentido, de valor e de crenças, passa a atuar, fundado neste ser, com valores e sentidos que jogam um facho de luz nas escolhas:

Frequentemente, elas (as pessoas) dispõem de um único recurso para suportar a sua miséria, e é o de pensar o seguinte: 'As circunstâncias estavam contra mim; eu valia muito mais do que aquilo que fui; é certo que não tive nenhum grande amor ou nenhuma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher dignos de tal sentimento; se não escrevi livros muito bons, foi porque não tive tempo livre suficiente para fazê-lo; se não tive filhos a quem me dedicar, foi porque não encontrei o homem com quem teria podido construir a minha vida. Permaneceram, portanto, em mim, inutilizadas e inteiramente viáveis, uma porção de disposições, de inclinações, de possibilidades que me conferem um valor que o simples conjunto de meus atos não permitem inferir'.<sup>21</sup>

Enfim, a má-fé emerge como resposta desesperada frente ao nada de ser, é defesa da própria consciência frente ao não-ser da consciência<sup>22</sup>.

Tomemos um exemplo de má-fé trazida por Sartre em *O Ser e o Nada*, exemplo com o qual faremos a reflexão sobre a temática da má-fé e educação. A premissa com a qual trabalharemos este assunto vincula-se à idéia de que a educação, ao propor formar uma subjetividade, ela acaba por instituir uma identidade na consciência nadificada da existência humana. Isto se caracteriza pela busca desesperada da consciência, na atitude de má-fé, de uma coincidência consigo mesma<sup>23</sup>. Esta identidade, por sua vez, desempenha o mesmo papel da má-fé, pois assume a forma de um fundamento, lei ou valor, enfim, de conteúdos instituídos na consciência que servem de guia para as escolhas. Vejamos o exemplo do garçom:

Vejamos este garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda a sua conduta parece uma brincadeira. Empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos, e ele assume a presteza e rapidez inexorável das coisas. Brinca e se diverte. Mas brinca de

<sup>19</sup> Ibid., p. 103.

<sup>20</sup> IDEM, *O Existencialismo é um Humanismo*, p. 14.

<sup>21</sup> Ibid., p. 13.

<sup>22</sup> Conforme WETZEL, *La mauvaise-foi: Analyse*, p. 81.

<sup>23</sup> Ibid., p. 85.

quê? Não é preciso muito para descobrir: brinca de *ser* garçom. Nada de surpreendente: a brincadeira é uma espécie de demarcação e investigação. A criança brinca com seu corpo para explora-lo e inventaria-lo, o garçom brinca com sua condição para *realiza-la*.<sup>24</sup>

Esta é uma atitude de má-fé, pois o ser-garçom constitui-se num ser que se sobrepõe ao ser nadificado da consciência, instituindo nela uma identidade para além de toda possibilidade de ser da consciência. Dito de outra forma, o ser-garçom desempenha um papel regulador das ações desta consciência, passa a ser o ser desta consciência e impõe a ela premissas valorativas do garçom como critério para julgar o mundo, para fazer suas escolhas ou para realizar seu projeto existencial.

Se nós entendermos a educação como o processo pelo qual forma uma subjetividade, é a partir deste entendimento que, aos olhos da filosofia sartreana, ela assume o papel de propagadora da má-fé. Parece-nos que o processo educacional tem, como um dos seus objetivos, a instituição de um ser no educando, ou seja, é pela educação que o ser emerge e se institui no bojo do ser humano. Na medida em que educação é, em sua etimologia, o ato de levar a pessoa de um lugar para outro, essa condução implica em conduzir o educando do não-ser para o ser. Dessa forma, essa educação institui um ser na pessoa, um ser que assume a forma de identidade que cola na existência de tal forma que a pessoa vê e interpreta o mundo, faz suas escolhas e realiza seus projetos sob a guarda deste ser.

A mesma forma da existência que “é” garçom, brinca de ser este ser, porque, na verdade, ele é a nadificação de sua própria consciência, o ser-advogado brinca de ser advogado. Se o garçom age de má-fé, pois mente para si mesmo ao assumir o ser-garçom, o advogado, da mesma forma, age de má-fé ao assumir a identidade de ser advogado. Dessa forma, a educação, ao instituir o ser-advogado nesta existência nadificada, obriga-a desempenhar o papel de advogado, ou seja, a propagar uma série de rituais inerentes a este ser, de forma que o próprio ser do ser humano se mistura e se confunde com o ser-advogado. Com a instituição de uma identidade no ser humano, a educação monta o grande palco em que se dará a representação, na vida real, da atitude de má-fé, no sentido de que o ser humano, diante do nada de sua consciência e do fato de que não é advogado, mas que se encontra apenas sob a pele do advogado, tem que se agarrar neste ser advindo pela educação, de tal forma que ele é esta personagem, numa atitude desesperada de preenchimento deste nada, deste “verme” que habita a consciência.

Nesse cenário, podemos dizer que a educação, ao propor este percurso para a existência humana, ela perverte a máxima existencialista de que a existência precede a essência na medida em que ela se propõe instituir um ser na realidade humana com o qual o homem deverá se projetar no mundo. Em outras palavras, a educação, ao instituir o ser-advogado, por exemplo, institui uma essência na existência humana que passará a se constituir na realidade interior deste sujeito e que servirá de referencial teórico para a elaboração e concretização dos seus projetos.

Nessa mesma perspectiva, a educação compromete, também, a premissa básica do princípio de intencionalidade, pois a instituição de uma subjetividade na consciência a impossibilita de ser abertura para o mundo na medida em que a sua abertura será uma abertura desde um ponto de vista de uma subjetividade já instituída. Retomando os exemplos do ser-garçom, e do ser-advogado, observamos que a abertura desta consciência subjetivizada pela educação está completamente comprometida, pois o mundo todo aparecerá a esta consciência sob o prisma desta subjetividade, de modo que, as relações entre as

---

<sup>24</sup> SARTRE, *O Ser e o Nada*, pp. 105/106.

pessoas, por exemplo, são relações vista desde o olhar desta subjetividade que é o ser-advogado; o universo é um universo aberto para uma consciência que é abertura decodificada para este universo, decodificada com os olhos do ser-advogado que permeia a consciência.

Por outro lado, a educação compromete, também, a decorrência que Sartre irá apontar sobre o princípio de intencionalidade, que é exatamente a não presença de conteúdos na consciência. Conforme vimos, sendo a consciência abertura para o mundo, todo o mundo está fora da consciência, ou seja, a consciência não tem conteúdos. A educação, ao propor formar uma subjetividade na consciência irá preencher a consciência com um conteúdo que é estranho a ela. Pelo processo de formação instituído pela educação, o sujeito visa, como fim a ser alcançado pela educação, uma identidade que o caracterize enquanto uma subjetividade particular e que o permita consagrar-se ao modo do ser-em-si: “Eu sou garçom”, ou “Eu sou advogado”. É esse conteúdo formado na consciência que a impossibilita ser abertura para o mundo, pois esta abertura, conforme vimos, será sempre uma abertura parcial, uma *entreabertura*; é este conteúdo na consciência que torna a consciência opaca, perdendo sua translucidez; é esse conteúdo, enfim, que impregna a consciência de conceitos pré-determinados por essa subjetividade.

Ora, se a educação age de má-fé ao propor instituir uma identidade ou uma subjetividade no ser nadificado do homem, ao modo do “Eu sou garçom”, esse processo, parece-nos, está condenado ao fracasso, pois é estéril o processo de formação da consciência no sentido de que, é somente pela má-fé que este processo é funda. A prova mais cabal de que o nada infesta a realidade humana e a instituição de um ser neste ser nadificado é um processo fadado ao fracasso é o fato de que o homem é consciência desse dever-ser propagado pela má-fé. Assim, se ele é consciência de ser garçom, por exemplo, isto significa que ele não é garçom, que o ser-garçom lhe escapa a todo momento<sup>25</sup>. Se a educação visa formar uma subjetividade na existência, ao modo do ser-advogado, por exemplo, isto implica que o homem é consciência de ser-advogado, o que acarreta, necessariamente, o fato de que não se é advogado, mas que o ser-advogado é uma miríade que apenas projetamos como um vir-a-ser:

Ter por ideal o ser das coisas não será confessar ao mesmo tempo que esse ser não pertence à realidade humana e o princípio de identidade, longe de ser um axioma universalmente universal, não passa de princípio sintético que desfruta de universalidade apenas regional? Assim, para que conceitos de má-fé possam iludir, ainda que por um instante, e a franqueza dos ‘corações puros’ possa ter valor de ideal para a realidade humana, é preciso que o princípio de identidade não represente um princípio constitutivo da realidade humana – e que a realidade humana não seja necessariamente o que é, e possa ser o que não é.<sup>26</sup>

A partir disto, fica fadada ao fracasso atitudes de má-fé que a existência humana constrói para fugir da sua condição de ser nadificado:

Acontece que, paralelamente, o garçom não pode ser garçom, de imediato e por dentro, à maneira que esse tinteiro é tinteiro, esse copo é copo. Não que não possa formar juízos reflexivos ou conceitos sobre sua condição. Sabe muito bem o que esta ‘significa’: obrigação de levantar-se às cinco, varrer o chão do café antes de abrir, ligar a cafeteira, etc. Conhece os direitos contidos nessa condição: gorjeta, direitos sindicais, etc. Mas todos esses conceitos, juízos remetem ao transcendente. São possibilidades abstratas,

<sup>25</sup> Conforme SARTRE, **O Ser e o Nada**, p. 108.

<sup>26</sup> SARTRE, **O Ser e o Nada**, p. 105.

direitos e deveres conferidos a um 'sujeito de direito'. E é exatamente o sujeito que *devo ser* e não sou.<sup>27</sup>

A existência que assume, pelo processo de formação, o ser-advogado assume-o de má-fé e somente de má-fé pode sustentar este ser em seu ser nadificado. Assim, a educação ensina-o a agir como ser-advogado, o modo de falar e de vestir, como se comportar, o que fazer em cada situação, enfim, ensina as atitudes inerentes e os trejeitos do ser-advogado, inclusive, podemos dizer, como ele vê e percebe o mundo que o cerca, sua ideologia, suas idéias e conceitos.

Com a má-fé aparece uma verdade, um método de pensar, um tipo de ser dos objetos; e esse mundo de má-fé que de pronto cerca o sujeito, tem por característica ontológica o fato de que, nele, 'o ser é o que não é e não é o que é'.<sup>28</sup>

Além de somente ser concedido ao homem a prerrogativa de se imaginar ser este ser que, de má-fé, se assume ou se institui, só se pode representar, teatralizando este ser:

Por mais que se cumpra as funções de garçom, só posso ser garçom de forma neutralizada, como um ator interpreta Hamlet, fazendo mecanicamente *gestos típicos* de meu estado e vendo-me como garçom imaginário através desse gestual tomado como 'analogon'.<sup>29</sup>

Se, nesse mesmo sentido: "Loquaz é aquele que *brinca* de loquacidade, porque não pode ser loquaz"<sup>30</sup>, então não se pode ser-garçom, apenas brincar de ser-garçom, apenas representar o ser-garçom, como, também, não se pode ser-advogado, mesmo que instituído e formado pela educação, mas, pelo contrário, apenas brinca ou representa o ser-advogado: "...o aluno atento que quer ser atento, o olhar preso no professor, todo ouvidos, a tal ponto se esgota em brincar de ser atento que acaba por não ouvir mais nada".<sup>31</sup> A partir disto, então, o que a educação nos ensina é representar o ser que, de má-fé, nos instituiu, ou seja, ela nos ensina a representar o ser-advogado, nos ensina o que, quando e como falar; o que, quando e onde se vestir de determinada forma, como andar, gesticular e tratar os companheiros, enfim, a educação nos forma, na verdade, atores que representam o ser que ela nos instituiu, acreditando que essa representação é o nosso ser, nossa identidade, nossa subjetividade. A educação nos ensina a brincar desse ser instituído; ela monta o cenário, prepara os atores e fornece o texto para que possamos desempenhar nosso papel.

Se a má-fé é uma atitude humana frente ao nada de seu ser fadada ao fracasso, faz-se necessário, segundo Sartre, para que o projeto da má-fé se constitua como uma resposta frente ao nada, que a má-fé seja uma fé: "O verdadeiro problema da má-fé decorre, evidentemente, do fato de que a má-fé é *fé*",<sup>32</sup> ou seja, o problema da má-fé é um problema de crença em ser a consciência o fundamento de si mesma, assim, para que o sujeito tenha uma ação de má-fé faz-se necessário que ele negue sua condição de não ser o que se é, e ser o que não se é, para acreditar de boa-fé que um ser habita sua consciência:

Resulta, portanto, que se a má-fé é fé e implica em seu primeiro projeto sua própria negação (determina-se a estar mal persuadido para persuadir-se de

<sup>27</sup> Ibid., p. 106.

<sup>28</sup> Ibid., p. 116.

<sup>29</sup> Ibid., p. 107.

<sup>30</sup> Ibid., p. 107.

<sup>31</sup> Ibid., p. 107.

<sup>32</sup> Ibid., p. 115.

que sou o que não sou), é preciso que, em sua origem, seja possível uma fé que queira estar mal convencida.<sup>33</sup>

Se o sujeito não acreditar nesta opacidade instituída em sua consciência de tal modo que este ser opaco solape o nada de seu ser, então todo o projeto da má-fé iria à ruína, pois o sujeito saberia de antemão que o nada habita seu ser, e que todo projeto de instituição de um ser no não-ser está fadado ao fracasso. Nessa perspectiva, fica implícito ao sujeito a necessidade de acreditar nesta atitude de má-fé que ele assume para si mesmo.

Se a educação faz de sua tarefa o processo de formação de um ser ou de uma identidade no ser do ser humano, então a educação só pode fazer valer seu projeto de má-fé se, junto ao ser instituído, propagar a crença de que o ser do ser humano é mesmo este ser instituído pela educação. Nesse sentido, a educação pressupõe uma fé do sujeito neste ser instituído por ela; uma fé que engesse o sujeito de qualquer possibilidade de se deparar com o nada de seu ser; uma fé que institua no sujeito a premissa de que este ser formado pela educação é a verdade de sua existência, que ele é esse ser e nada mais, a tal ponto que este ser formado pela educação se transforme no sentido e na finalidade desta existência. Para isso, a educação, junto ao ser instituído, deve propagar a fé, ou seja, a crença cega nesta subjetividade instituída. A fé neste projeto de má-fé é a própria condição de possibilidade desta má-fé, pois vetará ao sujeito a constatação de que tudo não passa de um cenário montado para que ele represente seu papel de ser-advogado ao modo do não-ser-advogado, por exemplo. A fé da má-fé vetará, exatamente, este sair do ser-advogado e retornar ao não-ser. Isto é fundamental para a educação na medida em que o sujeito acreditará que o cenário é o palco da existência e o ser-advogado é a verdade de seu ser, verdade que ele não deve se desvencilhar – daí a importância da fé – sob o perigo de ver o sentido e a solidez de sua existência se desmanchar no ar. Em última instância, a queda do ser de má-fé no não-ser, condição de ser do ser humano, é a própria queda, fracasso e derrota da educação, pois quem usará os mecanismos da educação para a formação e instituição de um ser no não-ser, se este ser formado de má-fé é tênue e frágil a tal ponto que o sujeito perda do sentido de sua existência é iminente e a dura experiência da náusea algo sempre próximo?

É nesse ponto que encontramos o paradoxo da educação enquanto processo de formação e instituição de uma identidade, paradoxo que se revela na impossibilidade deste processo em constituir um ser na consciência nadificado do ser humano que sirva de fundamento para esta existência. Dito em outras palavras, está fadado ao fracasso o projeto da educação em instituir um ser no não-ser do homem, pois este ser deveria ser ao modo do ser-Em-si, ou seja plenitude total de ser, não comportando nenhuma fissura de ser. Ao contrário dito, o ser instituído pela educação é sempre falta de ser, logo, a náusea diante da vertigem do nada da consciência é a sensação presente no ser do ser humano. Nesse sentido, a náusea, emergida da má-fé que se tornou a existência humana, é a denuncia mais cabal de que o projeto de educação é um projeto fadado ao fracasso

---

<sup>33</sup> Ibid., p. 116.

na medida em que a náusea diante de seu ser de má-fé é a condição existencial do homem moderno.

É aqui, também, que encontramos o paradigma do fracasso da educação na figura da personagem Roquentin de *A Náusea*, consagrado romance de Sartre. Parece-nos que Roquentin é o exemplo paradigmático de que o projeto da educação em instituir uma identidade no ser nadificado do homem é um projeto falido, pois desta personagem emerge a total indiferença diante do mundo, a morbidez de um sujeito que descobre o vazio da existência e a falta de sentido no viver; emerge a indisposição de saber o porque da existência e o que dá sentido a ela; emerge a sensação de absurdo que é a existência humana; enfim, emerge a sensação de embrutecimento diante de sua vida medíocre de pequeno burguês a que está fadado. Por fim, parece-nos, então, que em Roquentin encontramos a existência real e concreta de um ser que descobriu o tédio e a náusea diante de sua identidade. Se não, vejamos.

N' *A Náusea*, Antoine Roquentin, é um historiador de 35 anos que se refugia em Bouville para escrever a biografia do marquês de Rollebon. Observemos que Roquentin possui uma identidade instituída pela educação, entre outras coisas. Ou seja, a educação é uma das instâncias que formou em Roquentin o ser-historiador, uma identidade com a qual ele não pode se desvencilhar e terá que se haver durante sua existência. Roquentin, então, vê o mundo e o interpreta com os olhos desse ser-historiador; o contorno do mundo ganha as cores advindas desta identidade; os conteúdos de sua fala, seus trejeitos, os lugares por onde vive, os gostos e escolhas estão carimbados por este ser-historiador, a tal ponto que sua vida é a vida de um historiador.

Porém, Roquentin descobre a náusea, ou seja, o vazio que se tornou sua existência. Com a sensação da náusea sempre presente, a personagem se revela um ser extremamente entediado e embrutecido com sua existência. O que deseja é liberta-se de si próprio: “Gostaria tanto de me abandonar, de deixar de ter consciência de minha existência, de dormir”.<sup>34</sup> Na verdade, o tédio de Roquentin é com sua identidade de historiador, escritor, pequeno burguês, ou qualquer outra coisa que, de má-fé, tome para si mesmo. Ora, o exercício de uma identidade, na medida em que sempre é uma atitude de má-fé, traz a esta existência o peso de ter que carregar esta identidade. O mal-estar, para Sartre, é a sensação inerente ao ser humano que foge de seu ser nadificado para se refugiar numa identidade, conforme lemos no *O Ser e o Nada*:

---

<sup>34</sup> SARTRE, *A Náusea*, p. 187.

O bilheteiro, ainda que considerado como pura função, remete-me, por sua própria função, a um ser-fora, embora este ser-fora não seja apreendido nem apreensível. Daí um sentimento perpétuo de falta e mal-estar<sup>35</sup>.

O mal-estar a que se refere Sartre é exatamente mal-estar emergido de uma existência que, numa atitude de má-fé, mentiu para si mesma trocando sua existência nadificada em seu ser por uma identidade que, numa miragem perpétua, prometeu sentido a esta existência. Se isto é verdadeiro para o bilheteiro, também o é para esta existência nadificada de Roquentin que de má-fé preencheu o nada de sua consciência com a identidade de ser-historiador, na ilusão que, agindo dessa forma, encontraria uma explicação e um motivo para sua existência. A náusea se instala em Roquentin porque descobriu que existir não é desempenhar o papel de um ser, não é representar no palco da vida uma identidade que de má-fé tomou para si. Estas são, contudo, formas de existência do homem moderno, de um sujeito que, por entender a existência desse modo, equilibra-se como um funâmbulo entre existir-de-má-fé, ou seja, vive “como os outros, como os que passeiam à beira-mar com suas roupas de primavera”<sup>36</sup>, ou como o padre que diz: “O dia está lindo, o mar está verde, prefiro esse frio seco à umidade”.<sup>37</sup> Para Roquentin, ao contrário, a fé em sua subjetividade instituída pela educação se quebrou, de forma que “a existência subitamente se revelara [...] esse verniz se dissolvera, restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, de uma nudez apavorante e obscena”.<sup>38</sup> Se a educação é, entre outras coisas, a instituição de uma identidade num sujeito que de má-fé passa a vivê-la, então a educação nos dá uma existência ao modo daqueles que passeiam a beira-mar com roupas de primavera, e a educação é esse verniz que encobre nossa existência obscena, monstruosa, mole e em desordem. Roquentin é o paradigma daqueles, então, que perderam a fé na identidade que de má-fé foi-lhe instituído pela educação.

Nesse sentido, a obra *A Náusea* revela a queda da má-fé, ou seja, revela a trajetória de um sujeito que descobriu que sua vida era um grande teatro, e que ele representava um personagem assumido para si através de uma atitude de má-fé. Dito em outras palavras, Roquentin descobriu a mentira que ele próprio construiu para si mesmo, no intuito de dar sentido para sua existência. A náusea traz, então, a verdade de ser do

---

<sup>35</sup> IDEM, *O Ser e o Nada*, p. 475.

<sup>36</sup> IDEM, *A Náusea*, p. 188.

<sup>37</sup> Ibid., p. 184.

<sup>38</sup> Ibid., p. 188.

ser humano, qual seja, a de um ser cujo nada de ser é o seu próprio ser. Assim, a náusea é o próprio Roquentin, conforme afirma Sartre n' *A Náusea*:

Não posso dizer que me sinta aliviado nem contente; ao contrário, me sinto esmagado. Só que meu objetivo foi atingido: sei o que desejava saber; compreendi tudo o que me aconteceu a partir do mês de janeiro. A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu.<sup>39</sup>

E, mais adiante, lemos:

Esse momento foi extraordinário. Estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, o próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuí-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil coloca-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente *estar presente*; os entes aparecem, deixam que os *encontremos*, mas nunca podemos *deduzi-los*. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio.<sup>40</sup>

Desse modo, devemos sublinhar que, a despeito da tentativa de Roquentin fugir de seu ser nadificado, a queda na náusea é intrínseca à existência humana, pois, conforme vimos, o homem é o nada e o nada é a náusea. A partir disto, o projeto da educação que é, entre outras coisas, instituir um ser que traga em seu bojo o sentido e a causa da própria existência humana, de tal modo que explique a existência humana e o mundo a partir deste ser, é um projeto falido. O tédio e a descrença de Roquentin expressam essa falência, pois é um tédio de seu próprio ser, do ser-historiador, por exemplo, instituído pela educação. Assim, a qualquer momento, o homem pode se embrutecer de seu ser e perceber que este ser, instituído pela educação, não lhe trouxe o sentido para sua existência nadificada, de forma que a náusea invade e toma conta de nosso ser porque sempre esteve em nosso bojo, em nosso ser.

## CONCLUSÃO

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 187.

<sup>40</sup> Ibid., pp. 193/194.

À guisa de conclusão, poderíamos tomar Roquentin como um paradigma do homem moderno que perdeu a crença no sentido que dera a sua vida. Dessa forma, ele é a denúncia mais cabal de que o projeto do capitalismo ou da religião, tal qual o da educação, em dar um motivo para a existência fracassou. O homem moderno constituiu-se num ser mórbido e indiferente à vida, um ser sem importância, um ente em meio a massa de corpos que vagam pela vida. Roquentin é o paradigma do fracasso da modernidade, que, por sua vez, adveio com a promessa de proporcionar uma vida mais confortável, mais tranqüila, com mais longevidade e, principalmente, uma vida feliz. Roquentin traz a tona o modelo de vida do homem moderno que, muito pelo contrário da felicidade prometida, experimenta em seu cotidiano a náusea, o vazio da existência e o fracasso do projeto da modernidade.

Se Roquentin é o paradigma do homem moderno, podemos dizer, parece-nos, que ele é o espelho de nossa existência, já que somos homens modernos, e que, por isso, a náusea esteja mais próxima de nós do que imaginamos. Roquentin estava em Bouville quando experimentou a náusea, e nós estamos em nossas casas; se ele era um historiador, nós somos filósofos, de tal modo que a queda na náusea, a despeito de acreditarmos ser isto algo de muito distante, é o nosso vizinho mais próximo.<sup>41</sup>

Deixando de lado estes paralelos românticos e pueris, gostaria de retomar a idéia de que o projeto da má-fé necessita, por parte do sujeito que age de má-fé, uma fé nesta má-fé. Nesse sentido, devemos ter fé nesta identidade que a educação instituiu em nós para que possamos nos agarrar no sentido que esta identidade traz para nossa existência. Isto é imprescindível, pois se tomarmos como verdadeira a sentença de Roquentin na *Náusea*, em que “Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso”<sup>42</sup>, esta fé na má-fé é a única coisa que resta para nossa existência malograda; acreditar nesta identidade é a esperança que temos em atribuir um sentido à nossa vida e de observamos o futuro como algo realizável; acreditar nesta má-fé é o que torna possível acordarmos e vivermos mais um dia, e mais um dia, e mais um dia...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01) CONTAT, Michel & RYBALKKA, Michel. **Les écrits de Sartre**. Gallimard, 1970.  
 02) JEANSON, Francis. **Le problème moral et la pensée de Sartre**. Paris: Éditions du

---

<sup>41</sup> Devemos, pois, lembrar que, para Kierkegaard, a pior forma de desespero é não saber que se é desesperado, da mesma forma que não perceber a náusea não significa não estar com a náusea. Sobre essa forma de desespero em Kierkegaard, ver **Desespero a doença mortal**, p. 25.

<sup>42</sup> SARTRE, A *Náusea*, p. 197.

Seuil.

- 03) JOANNIS, David Guy. **Sartre et le problème de la connaissance**. Presses de l'université Laval, 1996.
- 04) KIERKEGAARD. **Desespero a doença mortal**. Porto: Rés Editora.
- 05) MOUILLIE, Jean-Marc. **Sartre: conscience, ego et psychè**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- 06) POULETTE, Claude. **Sartre ou les aventures du sujet: essai sur les paradoxes de l'identité dans l'oeuvre philosophique du premier Sartre**. Paris L'Harmattan, 2001.
- 07) ROUGER, François. **Le monde et le moi: ontologie et système chez le premier Sartre**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.
- 08) SALZMANN, Yvan. **Sartre et l'authenticité: vers une éthique de la bienveillance réciproque**. Labor et Fides.
- 09) SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- 10) \_\_\_\_\_. **A imaginação**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção Os Pensadores.
- 11) \_\_\_\_\_. **O imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.
- 12) \_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1987. Coleção Os Pensadores.
- 13) \_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 14) \_\_\_\_\_. **A Náusea**. Editora Nova Fronteira.
- 15) WETZEL, Marc. **La mauvaise foi**. Paris: Hatier, 2001.
- 16) WORMSER, Gérard. **Sartre**. Paris: Armand Colin, 1999.